



Foto: DWU/Leação

*Alunos montando uma câmera Super 8 (1972)*

## **CINEDUC E MARIALVA MONTEIRO:**

### **QUARENTA E SETE ANOS DE CINEMA PARA CRIANÇAS E JOVENS NO BRASIL**

**O CINEDUC FOI CRIADO** no Rio de Janeiro (RJ) em 1970, por Marialva Monteiro, para aproximar crianças e adolescentes da linguagem do cinema, levando reflexões sobre filmes e suas mensagens. Natural de Salvador (BA), Marialva morou por 40 anos no Rio de Janeiro e há nove reside em Ilhéus (BA).

Quando jovem, durante a ditadura militar, frequentava o cineclubes Macunaíma, no Rio. Ela conta que morria de medo de algum militar entrar nas sessões com ordem de prisão. Formada em Filosofia pela PUC, fez parte, durante a faculdade, do GEC (Grupo de Estudos Cinematográficos da União Metropolitana dos Estudantes) e descobriu um curso de cinema ligado à PUC na ASA (Ação Social Diocesana). Foi ali que conheceu o professor Ronald Monteiro, com quem acabou se casando.

Marialva abre as portas da sua casa e da sua vida para uma entrevista sobre a paixão pelo cinema, pelas crianças e pela educação.

**FILMECULTURA** Existe alguma relação dos trabalhos de Humberto Mauro com a criação do *Cineduc*?

**MARIALVA MONTEIRO** Não. Porque a gente não trabalha com o cinema educativo. Trabalhamos com o cinema de ficção, com o estímulo para entender a sua linguagem.

**Como começou o *Cineduc*?**

Começou com um projeto criado por Luís Campos Martínez, um cubano que saiu do país fugido do governo Batista e foi para o Equador. Ele criou um projeto chamado *Plan Deni*, de *Plano de Niños*. Este projeto visava levar o cinema para a escola. Martínez dizia que tão importante quanto aprender a ler é aprender a ver, e que isto deveria começar desde pequeno, com a formação da linguagem do cinema na infância. Ele morava em Quito, no Equador, e foi convidado pela arquidiocese a dar uma palestra em Lima, no Peru. Foi quando eu o conheci, em dezembro de 1969. Nessa época, eu trabalhava como voluntária na CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), no Rio de Janeiro, e já estava muito ligada ao cinema, à infância e à educação. Quando voltei para o Brasil, pensei em formar um *Plan Deni* aqui. Uruguai, Bolívia, Paraguai, República Dominicana e Peru também se interessaram. A CNBB convidou Martínez, que veio no início de 1970. Ele era muito enfático no que se refere à questão do cinema e subdesenvolvimento. Sendo de um país sul-americano, recebemos influências e estereótipos do cinema americano, do cinema europeu e, como receptores, não sabemos muito nos defender em relação a isso. O projeto era, então, para criar um receptor latino-americano que se protegesse dessa linguagem colonizadora. A ideia dele era bem de esquerda.

**E isto em 1969, imagine isto...**

Eu comecei a me empolgar para fazer um projeto igual aqui no Brasil. Então, comecei a criar o projeto a partir da CNBB/RJ com o nome de *Cineduc*, *cinema e educação*. Fizemos um intercâmbio com os países da América Latina que começaram o projeto na mesma

época, como Bolívia, Paraguai, Uruguai e República Dominicana. Tinha uma coordenadora do projeto para a América Latina, a América Penichet, da arquidiocese de Lima, no Peru, que organizava encontros no Peru e no Uruguai. Eu viajava para fazer o intercâmbio e para formar possíveis professores do projeto. Hoje, só o Brasil e o Uruguai continuam. O *Plan Deni* lá em Montevideu e o *Cineduc* aqui.

**Em 1980 o *Cineduc* foi reconhecido como Instituição de serviço público.**

Exatamente. No início, estávamos ligados à CNBB. Quando eles foram para Brasília, tivemos que nos virar e arranjar uma sede.

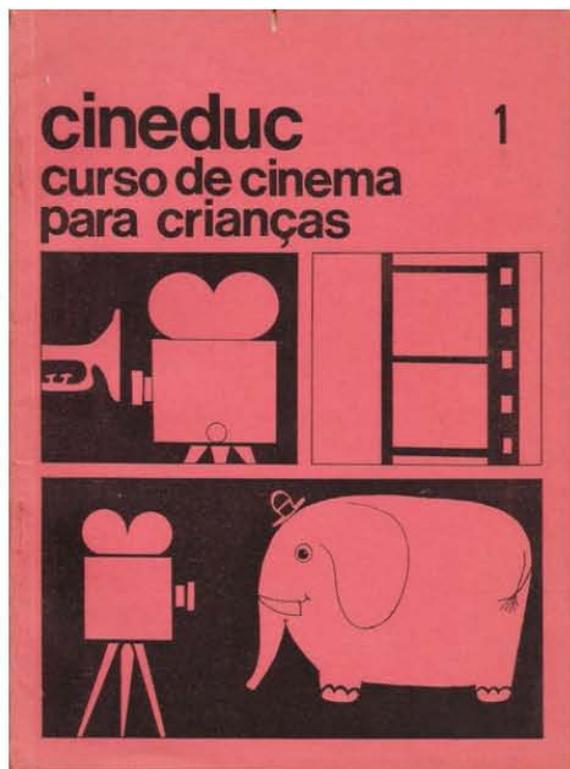


FOTO: DIVULGAÇÃO

Primeira cartilha do *Cineduc* (1974)



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Marialva Monteiro



Congresso em Lima, Peru, onde tudo começou (1969)

### **E em quais espaços o Cineduc começou a trabalhar?**

O Cineduc começou a trabalhar diretamente nas escolas. No início, com as escolas católicas, por causa da CNBB; depois ampliamos o projeto para outras escolas. Naquela época, tinha muita educação artística na escola, e o cinema entrava assim. Então, a gente tinha um campo incrível dentro do horário escolar. No início, eram 1.200 alunos que pagavam para o projeto, fora da mensalidade da própria escola. Era o que mantinha o Cineduc, ele era autossustentável por causa disso. Ou a escola pagava (a diretoria) ou os pais pagavam. Era uma opção entre as aulas extras, como inglês ou balé.

### **Como era a parte prática do recebimento dos filmes: de onde eles vinham, como vocês conseguiam e tinham acesso a este material?**

Os consulados dos países estrangeiros, no Rio de Janeiro, possuíam filmotecas. Eram filmes em 16mm, então a gente pegava emprestado gratuitamente deles, como os da Holanda, Alemanha, Estados Unidos, China, Japão, França. A maioria eram curtas-metragens, você pegava as latas. Nós tínhamos projetores de 16 mm. A gente também usava longas-metragens alugados de distribuidoras. As escolas também iam aos cinemas e, depois, o filme era trabalhado na sala de aula.

### **E como é que vocês adquiriram o primeiro projetor?**

No projeto do *Plan Deni*, a América (Penichet) fez um pedido a uma instituição da igreja católica, que forneceu recursos. Como tínhamos também as mensalidades, ficamos com dois projetores de 16mm. Mas muitas das escolas tinham projetores que conseguiram a partir de um convênio do MEC com o *USAID*, dos Estados Unidos. Foi a época em que Humberto Mauro trabalhava no INC (Instituto Nacional de Cinema). Mauro estimulou muito o uso do cinema na sala de aula. E também tinha Gustavo Capanema, Roquette Pinto; naquela época houve muito estímulo a esse tipo de ideia.

**Existe uma dificuldade de diálogo sobre cinema para jovens de hoje em dia, devido ao excesso de informações e de filmes na televisão e na internet? Isso afeta um pouco o trabalho com as novas gerações?**

Eu acho que não. Eu acho que a criança hoje em dia está até mais aguçada com relação a essa visão. A gente oferece oficinas para as crianças fazerem filmes com o

mais os pioneiros nessa área. Tudo está mais caro para se trabalhar. As câmeras ficam cada vez mais sofisticadas. Não temos ajuda permanente de nenhum organismo governamental. A gente vive de projetos, algumas vezes bancados por patrocinadores. Mas continuo achando que o *Cineduc* tem um diferencial, pois temos uma pedagogia, uma metodologia libertadora.

**Eu acho que a formação do professor ou monitor é muito importante. Teve uma época em que o Cineduc se dedicou só a isso: formação dos formadores.**

celular, e eles fazem muito bem. Mas eu acho que a formação do professor – ou monitor – é que é muito importante. Teve uma época em que o *Cineduc* se dedicou só a isso: formação dos formadores. Porque ele tem que chegar lá antes do filme começar, passar o título do filme, diretor etc. Na hora em que acaba o filme, ele tem que saber provocar o debate. Começa com as questões mais simples: “Qual era a cor da camisa do menino, do ator do filme?” E por aí vai. Lembro muito de um curta-metragem que eu usava bastante, *Velha história*, que era uma poesia de Mário Quintana, narrada por Marco Nanini. Um homem pesca um peixinho, mas fica com pena dele e tira o anzol do bichinho, e bota iodo para curar a sua boca e começa a viver com ele. No final, ele diz assim: “Eu não posso ficar toda a vida com você, tirar você da sua mãe, da sua tia solteira”. Quando ele devolve o peixe à água, o peixinho morre. Esse filme provoca um debate que você não pode imaginar! A maioria das crianças percebe mais questões que os adultos. A provocação é fundamental.

**O Cineduc cresceu muito, oferece oficinas e é solicitado por mostras e festivais. Como ele consegue andar com autonomia hoje em dia?**

A gente hoje está com muita dificuldade, não somos

**Qual sua perspectiva para o futuro com relação ao Cineduc, que já completou 47 anos? Como o trabalho pode ser continuado por mais 20 ou 30 anos?**

Tem várias pessoas fazendo o que nós fazemos. A diferença é que nós fazemos um pouquinho melhor. É chato falar isso: um pouquinho melhor. Mas é porque a gente se preocupa muito com a questão do espectador, porque o *Cineduc* se originou dessa proposta humanista. A gente, por exemplo, tem uma participação enorme nos festivais, como a Mostra Geração, que acontece há 20 anos dentro do Festival do Rio e elege filmes voltados para os valores humanos. Lá também tem uma sessão, a Vídeo Fórum, com vídeos feitos pelos jovens e discussão sobre cada um. Tem a sessão para educadores também. Eu acho que o futuro do *Cineduc* vai depender muito de a gente se adaptar às novas mídias.

*Texto selecionado no Edital Filme Cultura Edição 62*

**\* FABRÍCIO PERSA** é graduado em Comunicação Social - Jornalismo (2012) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Atua como jornalista, assessor, videomaker, designer gráfico, editor de vídeo, produtor cultural e captador de recursos para projetos de cinema.